

alegre e sempre disposto". Os conservadores censuraram a primeira personagem de HQ propriamente dita, "the yellow kid", devido a sua origem social de menino pobre dos guetos nova-iorquinos. O *Tico-Tico*, marco inicial das publicações dedicadas às crianças no Brasil, era lido e citado por Ruy Barbosa no Senado, e mereceu crônica de Carlos Drummond de Andrade. Mafalda, a personagem argentina de Quino, foi acusada de defensora da ideologia pequeno-burguesa e, logo, do imperialismo ianque, por jamais haver mencionado Perón ou o peronismo.

Intercalando ensaios com páginas de quadrinhos, Moya fornece a seu leitor amostras de obras de difícil acesso. Ao mesmo tempo, essa estratégia dá um aspecto dinâmico ao livro, que se coaduna com o seu próprio objeto de estudo. Quadrinhos e cinema trocam influências quanto a aspectos técnicos, argumentos e personagens. De quebra, ainda sobra alguma coisa para a televisão. De novelas a programas infantis, passando por toda uma programação para o público adolescente, a televisão exibe uma estética que deve muito às HQ. Basta assistir, por exemplo, alguns minutos da programação diária mais ágil e comparar com as ilustrações do livro de Moya.

História das histórias em quadrinhos vem complementada com uma bibliografia sobre o assunto, com publicações em português, que, ainda que seja

uma boa listagem, peca por omissões inexplicáveis. Não constam, por exemplo, *Auika!*, de Dagomir Maruquezi (São Paulo: Proposta Editorial, 1980), nem *Cultura de massa*, organizado por Bernard Rosenberg e David Manning White em 1957, e publicada pela Cultrix em 1973. Mais difícil de entender ainda é a omissão de *O que é história em quadrinhos*, de Sônia M. Bibe-Luyten, anunciada nas primeiras páginas do livro como leitura. Moya merecia um assessoramento mais cuidadoso, para que pequenos problemas como esses não interferissem na excelência do seu trabalho.

A alta qualidade dos textos e das reproduções em branco e preto e em cores fazem da *História* uma obra de referência essencial para o iniciante em busca de um guia confiável e para o pesquisador à procura de fontes fidedignas e de ilustrações raras.

Julio Jeha

VIEIRA, Nelson H. *Brasil e Portugal: a imagem recíproca (o mito e a realidade na expressão literária)*. Lisboa. Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Coleção Diálogo: Fronteiras abertas. 1991. 256 p.

Uma das coisas que mais me agradaram durante a leitura deste livro foi voltar a

encontrar-me com velhos nomes da infância, já meio esquecidos, como mascates, emboabas, mazombo...

São esses nomes, agora do ponto de vista metodológico, que apontam para um dos aspectos mais oportunos do trabalho de Nelson Vieira. Refiro-me, na página 54, à apresentação do *mazombo* brasileiro Gregório de Matos. Autor de uma obra e senhor de uma personalidade, que podem ser consideradas pontos de partida, na busca de nomes outros que nos deram a identidade de brasileiros, o poeta satírico baiano é sempre atual.

Ao longo de 256 páginas, é elegante, às vezes polêmico, sempre séria porém, a maneira pela qual o Professor de Literatura Brasileira da Brown University, Estados Unidos da América do Norte, interpreta questões extremamente delicadas como, por exemplo, o ressentimento entre Brasil e Portugal.

A partir da "Introdução":

É (...) nosso objetivo estudar a imagem que cada país mantém do outro a fim de descrever o verdadeiro caráter desta imagem e relacioná-lo com a realidade sócio cultural (p.21).

Este estudo (...) abordará o tema essencialmente através da Literatura, mas incluirá também observações e interpretações históricas e sociológicas para complementar e apoiar a exposição literária (p.21-22).

O leitor é suficientemente esclarecido acerca do lugar de onde o A. fala e elabora as suas proposições sobre a *imagem recíproca* a envolver a comunidade luso-brasileira.

No livro, um dos aspectos de maior interesse, para o leitor brasileiro, é cotejar o sentido de algumas considerações tradicionais sobre o nosso comportamento, no Brasil de hoje. Mapeiem-se alguns exemplos:

A competição entre os brasileiros da pequena classe média, conjuntamente com o proletariado, racialmente misturado, e os burocratas e trabalhadores portugueses que roubavam aos brasileiros natos oportunidades de trabalho, culminou em rebeliões em várias cidades (p.42).

O receio oculto de ser violado, roubado e defraudado dos seus recursos por estrangeiros existe ainda hoje no Brasil (p.55).

Tais invectivas contra os portugueses aumentaram à medida que o nacionalismo brasileiros ganhava mais ardor. Ainda hoje existem veementes polêmicas entre portugueses e brasileiros acerca da ausência da imprensa e da política de censura durante a era colonial (p.60).

Numa palavra, as reflexões acima revelam-se extremamente bem-vindas nas discus-

sões em torno do luso-brasileiriano (há, teria havido, de fato, uma comunidade luso-brasileira?) e da emigração (veja-se o desgastante e degradante caso dos dentistas brasileiros em Portugal). Na nossa contemporaneidade, este é, sem dúvida, o capítulo mais doloroso. Por isso, até as piadas recíprocas entre "os povos irmãos" merecem um tratamento sério e apropriado (cf. p.216).

Particularmente ótimas parecem-me as reflexões acerca da obra do múltiplo Mário de Andrade (p.210); a conclusão de que, por meio de *Farpas*, de Eça de Queirós, podíamos criticar, com mais talento, os portugueses (p.95); a visão irônica a respeito daquele romantismo, em que o "vulgar *sabiá* meladamente gorjeia enquanto padres e índios entram e saem da floresta brasileira, como se esta fosse o café local" (p.97). Sobre a questão indígena, aliás, são muito pertinentes as revelações sobre a "implícância" de Jorge de Sena (motivada pela hilariante discussão, durante o batismo, em torno do nome do seu filho brasileiro, Nuno) com adoção dos nomes de índios. Afinal, são os nomes (outros e mesmos) que estão na razão dos desacordos levantados pelo acordo ortográfico (!); que o A., sem partidanismos afoitos ou comodismos cautelosos, focaliza sensatamente (cf. p.137).

Por outro lado, parecem-me polêmicas afirmações como:

Jorge Amado, "o maior representante atual do romance brasileiro" (p.227), e Eça de Queirós, "a maior figura literária portuguesa do século XIX" (p.89). Não julgo *culturalmente correto* tentar provar que tais juízos talvez não sejam "verdadeiros"... O que creio digno de consideração, porém, é que as afirmações-quase-epítetos sobre o romancista brasileiro e português repetem o lugar-comum, para muitos, decididamente, incontestável. Com toda a certeza, de acordo com esta perspectiva, a questão tem se mostrado bastante incômoda, pois há outros valores, como Graciliano Ramos e Camilo Castelo Branco, por exemplo, que padecem desse "efeito" genialidade Amado-Eça de Queirós. Dentro de outro contexto e com outro sentido, é justo assinalar, problema equivalente adviria das reminiscências brasileiras de Miguel Torga acerca do *falar errado* dos povos americanos (p.163). A partir de que norma se expressa tal juízo sobre o que, mais apropriadamente, denominar-se-ia *diferença*? Manuel Bandeira, como se pode ler na página 206, no já célebre "Evocação do Recife", aborda, com mais propriedade e sabedoria, a questão do "dilema cultural" certo/errado entre o português do Brasil e o de Portugal.

Talvez merecesse uma revisão - no importante Capítulo VII, "A imagem de Portugal na literatura brasileira moderna" - a consideração de

que, em *Angústia*, de novo se repetem as velhas caricaturas contra o português emigrante. Não haveria, contudo, no romance de Graciliano Ramos, um ponto de vista em que os personagens, de uma maneira geral, são apresentados através de uma ótica crítica, cruelmente mordaz, que, em suma, pouco ou nada acrescentaria ao Capítulo do, infelizmente, atualíssimo ressentimento entre Brasil e Portugal (cf. p. 215)?

Para concluir, um ponto a repensar da argumentação de Nelson Vieira - porque, na verdade, ele não o aplica no livro - pode estar na página 221:

É importante assinalar que não vamos frisar os méritos formais e literários das obras destes escritos. Interessa-nos mais a temática, no que disser respeito ao tratamento e à apresentação de figuras e costumes portugueses.

Questiono esta declaração, pois ela confunde a perspectiva segura com que o A. aborda o tema proposto no livro, ou seja, a análise da *imagem recíproca entre Brasil e Portugal*, dentro de rígidos padrões literários em diálogo com o histórico.

No fundo, as questões que levanto confirmam a certeza de ser a vocação para o diálogo traço admirável no perfil intelectual de Nelson Vieira.

Jorge Fernandes da Silveira

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Uma luz com toldo vermelho*. Lisboa: Editorial Presença, 1990, 101p.

Muitas vezes não são pródigas as palavras a respeito de um poeta que se admira. (O leitor atento de Joaquim Manuel Magalhães terá percebido a alusão intencional à nota introdutória de *Um pouco da morte*, 1989, em que este poeta crítico percorre a poesia portuguesa desde 1910 - de Antonio Patrício e Antonio Botto - até a contemporaneidade dos anos 80 - João Miguel Fernandes Jorge, Antonio Franco Alexandre, Paulo Teixeira e outros. Em continuidade, aliás, ao percurso realizado pelos ensaios de *Os dois crepúsculos*, de 1981. Por ora, como proposta síntese desse imenso projeto crítico, assinalem-se suas reiteradas considerações a respeito da poesia como o espaço mais alto da produção estética em Portugal nos dias que correm.) Diante de autores que dão prazer ler - dizia - vez por outra certa frieza toma conta do que se denomina cérebro, adiando a breve apresentação que um dia se impõe.

É sempre um risco falar a respeito do autor de versos como estes de *Vestígios* (1977):

*Trabalharão com as
palavras que lhes deixas.
Perguntarão pelos sentidos.*